

RUA ALCEU AMOROSO LIMA (TRISTÃO D'ATHAYDE)

Decreto nº 7981 de 29-12-1983

Formada pela rua 15 do Parque Imperador

Início na rua Antonio Veiga

Término na divisa do loteamento

Parque Imperador

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal José Roberto Magalhães Teixeira. Protocolado nº 30.471 de 07-11-1983 em nome de vereador Luís Antonio Falivene e outros.

ALCEU AMOROSO LIMA (TRISTÃO D'ATHAYDE)

Alceu Amoroso Lima nasceu no Cosme Velho, na cidade do Rio de Janeiro em 11-dezembro-1893 e faleceu em Petrópolis, em 15-agosto-1983. Era filho de Manoel José Amoroso Lima e Camília da Silva Amoroso Lima e foi casado Maria Teresa Faria e tiveram sete filhos. Alceu Amoroso Lima adotou o pseudônimo de Tristão de Athayde, que só mais tarde descobriria haver pertencido a um célebre pirata do século XVI, que operava nos mares da Índia. Aprendeu a ler aos cinco anos de idade com sua mãe professora. Estudou no Colégio D. Pedro II e, em 1913, formou-se na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Até 1916, praticou advocacia e por algum tempo foi adido ao Ministério das Relações Exteriores, experiência que durou apenas um ano, antes de ser empossado como diretor da fábrica de tecidos de seu pai, cargo que ocupou por 19 anos, até 1937. Mas se libertou dos negócios para se dedicar exclusivamente ao magistério e às letras. Sua vocação para estas começara a se manifestar quando ainda estudava Direito, tendo em 1912 dirigido a revista "A Época". Em 1919, assumiu o posto de crítico literário de "O Jornal", que exerceu até 1945, ao mesmo tempo em que dirigia a revista católica "A Ordem". Em 1922, publicava seu primeiro livro "Afonso Arinos", estudo crítico e biográfico sobre esse regionalista mineiro. Em 1918, fundou a revista "A Árvore". Agnóstico, apesar da formação católica, Alceu Amoroso Lima é protagonista de um espetacular processo de conversão ou reconversão ao catolicismo, iniciado em 1923 e terminado a 15-agosto-1928, quando fez uma comunhão. Sustentou debate com o espiritualista Jackson de Figueiredo e uma quase interminável polêmica com o pensador católico e conservador Gustavo Corção. No magistério lecionou na Escola Normal, Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e na Faculdade Nacional de Filosofia. Foi reitor da Universidade do Distrito Federal e desde 1941, professor de sociologia da Escola de Serviço Social da Associação de Educação Familiar e Social. Fez conferências em nove universidades norte-americanas e deu curso sobre Civilização Brasileira na Universidade de Nova Iorque. Foi membro da Academia Brasileira de Letras e colaborou em dezenas de jornais brasileiros e quase uma dezena de estrangeiros. Recebeu inúmeras condecorações nacionais e internacionais, pertenceu a várias entidades culturais de todo o mundo e publicou mais de cinquenta livros, a maioria traduzida em diversas línguas.



**DECRETO N.o. 7981, DE 29 DE DEZEMBRO DE 1983**

**DENOMINA "ALCEU AMOROSO LIMA" (TRISTÃO D'ATHAYDE) UMA VIA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.**

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual n.o. 9, de 31 de dezembro de 1.969 (Lei Orgânica dos Municípios), e

**CONSIDERANDO** que o artigo 8o. do Decreto n.o. 3476, de 11 de setembro de 1.969, com a redação que lhe foi dada pelo Decreto n.o. 5690, de 14 de maio de 1979, concede ao Executivo a prerrogativa de denominar próprios, vias e logradouros públicos, independentemente de manifestação da Comissão criada para opinar sobre a matéria, desde que haja indicação de vereadores;

**CONSIDERANDO** existir indicação nos termos do referido diploma legal;

**CONSIDERANDO** que aos membros do Legislativo cabe a honrosa tarefa de colaborar com o Executivo na indicação de nomes de próprios, vias e logradouros públicos e que o seu judicioso critério de escolha é acatado pelo Executivo sem restrições,

**DECRETA:**

**Artigo 1o.** - Fica denominada "RUA ALCEU AMOROSO LIMA" (TRISTÃO D'ATHAYDE) a Rua 15 do Parque Imperador, com início na Rua Antonio Veiga e término na divisa do loteamento.

**Artigo 2o.** - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Campinas, 29 de dezembro de 1983

**JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEIXEIRA**  
Prefeito Municipal

**NEIDE CARICCHIO**  
Secretária dos Negócios Jurídicos

**AUGUSTO FERNANDO DE BARROS PIMENTEL FILHO**  
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n.o. 30471, de 07 de novembro de 1.983, em nome do Vereador Luis Antonio Falivene e outros e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 29 de dezembro de 1.983.

**DISNEI FRANCISCO SCORNAIENCHI**  
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito

RUA ALCEU AMOROSO LIMA (TRISTÃO D'ATHAYDE)



SÁBADO — 10 DE DEZEMBRO DE 1983

## Alceu recebe a homenagem: uma escultura

Com uma escultura do artista plástico León Ferrari, a Prefeitura de São Paulo e a Secretaria Municipal de Cultura inauguram hoje, às 13 horas, a praça Alceu de Amoroso Lima, no cruzamento da avenida João Dias com a Marginal Pinheiros. Trata-se de um dos eventos promovidos para comemorar os 35 anos da assinatura da Declaração Universal dos Direitos Humanos e também uma homenagem ao pensador católico, conhecido como Tristão de Athayde e falecido recentemente. A obra de León Ferrari ocupa uma base de quatro metros quadrados, é formada por 60 tubos galvanizados pintados de cores pastel e tem sete metros de altura. Outro evento idealizado para comemorar o 35º aniversário dos Direitos Humanos é a exposição intitulada "Direitos Humanos e Fotografia", que será inaugurada hoje no Centro Cultural São Paulo (Rua Vergueiro, 1.000). Cada fotógrafo — estão participando profissionais de O Estado e de outros órgãos de imprensa — apresenta três trabalhos, cujas imagens denunciam a situação irregular e cotidiana da violação dos direitos humanos. A proposta da exposição é mostrar a preocupação com o desrespeito à carta da ONU.

(Extraído do jornal "O Estado de São Paulo"  
do dia 10-dezembro-1983)



# OS ACADÊMICOS

## ALCEU AMOROSO LIMA

**A** LCEU Amoroso Lima, mais conhecido, nos meios intelectuais, pelo pseudônimo de Tristão de Athayde, nasceu no Rio de Janeiro, a 11 de dezembro de 1893. É, presentemente, o decano da Academia Brasileira de Letras, para a qual foi eleito a 29 de agosto de 1935, sendo recebido a 14 de dezembro do mesmo ano. Estudou no Colégio Pedro II e, em 1913, formou-se na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Até 1916, praticou advocacia com o Professor Sousa Bandeira, ocupante da cadeira n.º 13 da Academia Brasileira de Letras. E, por algum tempo, foi adido ao Ministério das Relações Exteriores. Durante 19 anos presidiu companhia industrial proprietária de uma fábrica de tecidos. Mas se libertou dos negócios para dedicar-se exclusivamente ao magistério e às letras. Sua vocação para estas começara a se manifestar ainda quando estudava direito, tendo em 1912 dirigido a revista *A Época*. Em 1919, assumiu o posto de crítico literário de *O Jornal*, que exerceu até o ano de 1945, ao mesmo tempo em que dirigia a revista católica *A Ordem*. Em 1922, publicava o seu primeiro livro, *Afonso Arinos*, estudo crítico e biográfico sobre o grande regionalista mineiro. Em 1927, iniciou a publicação da série de *Estudos*, em cinco volumes (terminada em 1933). Em 1929, saíam mais dois livros seus: *Freud e Tentativa de Itinerário*. E, em 1930, *Eboço de Uma Introdução à Economia Moderna*, seguindo-se, em 1931, *Preparação à Sociologia e Debates Pedagógicos*. Em 1932, eram publicados mais três trabalhos: *Economia Prepolítica, As Repercussões do Catolicismo e Política*. Em 1933, publicou *Contra-Revolução Espiritual, Pela Reforma Social e Introdução ao Direito Moderno*. Tal era sua bagagem literária quando, em 1935, candidatou-se à Academia Brasileira de Letras, na vaga do Professor Miguel Couto, que em 1916 sucedera a Afonso Arinos. Eleito por 22 votos no primeiro escrutínio, nesse mesmo ano lançou mais dois livros, *No Limiar da Idade Nova* e *Pela Ação Católica*. Desde então até hoje publicou mais de sessenta obras, entre grossos volumes e pequenos ensaios literários, destacando-se entre elas *Idade, Sexo e Tempo (Três Aspectos da Psicologia Humana)*, 1928; *Contribuição à História do Modernismo*, 1939; *Três Ensaios Sobre Machado de Assis*, 1941; *Voz de Minas*, 1944; *A Europa de Hoje*, 1951; *Introdução à Literatura Brasileira*, 1957; e *Meio Século de Presença Literária*, antologia de páginas críticas de todo o período de 1919 a 1969. Sete de seus livros foram traduzidos para o espanhol e cinco para o

francês, sendo um destes prefaciado por Jacques Maritain. Desse famoso filósofo católico, com o qual se acha profundamente identificado, traduziu nada menos de quatro livros, a começar por *Noite de Agonia em França*, sobre a capitulação de sua pátria ao nazismo em 1940. Traduziu também obras de Georges Goyau e de Henri Ghéon. Os serviços de Alceu de Amoroso Lima ao ensino brasileiro foram inestimáveis. Com grande vocação para o magistério, expositor claro e erudito, sempre encantou seus alunos, bem como quantos o ouvem na tribuna de conferências, em admiráveis improvisações. Fez quatro concursos, para obter cadeiras na Escola Normal, na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e na Faculdade Nacional de Filosofia. Reitor da Universidade do Distrito Federal, em 1938, ocupou sua cadeira de sociologia. Foi professor catedrático de literatura brasileira na Faculdade Nacional de Filosofia e da Pontifícia Universidade Católica, a partir de 1941, e professor de sociologia da Escola de Serviço Social da Associação de Educação Familiar e Social. Fez conferências em nove universidades norte-americanas e deu um curso sobre *Civilização Brasileira* na New York University, no período letivo de 1958/1959. Na Academia Brasileira de Letras, Alceu Amoroso Lima sempre se distinguiu como um dos mais primorosos oradores, tendo ali recebido figuras como Vianna Moog, Afonso Pena Júnior e Augusto Meyer. Foi, em 1944, o fundador da Editora Agir, que tem prestado assinalados serviços à cultura brasileira, com a coleção *Nossos Clássicos* e diversas outras de suas edições. Colaborou por muito tempo nos principais jornais do país, entre esses o *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro; a *Folha de São Paulo*; o *Diário*, de Belo Horizonte; a *Tribuna*, de Recife; e o *Jornal do Dia*, de Porto Alegre. Escreveu, também, para o grande diário argentino *La Prensa* e para o *Diário Ilustrado*, de Lisboa. Durante quatro anos, foi diretor cultural da União Pan-Americana, em Washington. É doutor "honoris causa" pela Faculdade de Filosofia de Juiz de Fora, da Universidade Católica de Chile e da Universidade Católica de Washington. Foi condecorado pelo governo da França com a Legião de Honra e pelo governo de Portugal com a Ordem de Santiago. Perence, como correspondente, à Academia Argentina de Letras (desde 1937) e à Academia Nacional de Letras do Uruguai (desde 1947). Aproxima-se dos 80 anos em pleno vigor físico e intelectual, mantendo uma colaboração permanente no *Jornal do Brasil* há mais de um decênio.



# A morte de Alceu Amoroso Lima

Um dia, em 1914, estava em Veneza contemplando a Ponte dos Suspiros, quando a idéia do suicídio lhe ocorreu. Mas esta, ao que se saiba, foi a única vez que Alceu Amoroso Lima pensou na morte como solução. Porque durante todo o tempo que viveu, até morrer ontem poucos meses antes de completar 90 anos, este carioca nascido no Cosme Velho a 11 de dezembro de 1893, foi apontado como um raro exemplar de ser humano em ardente sintonia com a vida. Escritor com mais de meia centena de livros publicados, jornalista, filósofo cristão, crítico literário — atividade em que usou seu famoso pseudônimo de Tristão de Athayde —, Amoroso Lima era membro da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou desde 1935 a cadeira de número 40, e da Academia Brasileira de Filosofia. Ao longo de sua vida exerceu funções importantes como ser reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, catedrático de Literatura Brasileira em várias universidades inclusive na francesa Sorbonne, criador de revistas e de editoras, delegado representante do Brasil em vários eventos internacionais, como diretor do Departamento Cultural da União Panamericana, fundador, em Montevidéu no ano de 1947, do Movimento Democrata-Cristão na América Latina.

Entre tantos títulos e funções, Amoroso Lima teve destaque até no esporte — como jovem praticante de futebol, natação e hipismo, tendo vencido um torneio de tênis na cidade de Petrópolis. Mas foi sobretudo na área do pensamento que se destacou desde muito jovem. Filho de um descendente de portugueses (seu avô era da região do Minho, que o escritor só conheceria no Natal de 1949), aprendeu a ler aos cinco anos de idade, com sua mãe professora.

Sua infância foi povoada de contatos com grandes intelectuais brasileiros, como Machado de Assis, quase vizinho, que escreveu versos a serem recitados no dia do seu batizado. Em 1908, já um adolescente aluno do Colégio Pedro II, tendo Coelho Neto entre seus professores, preparando-se para cursar Direito, empolgou-se com Ruy Barbosa. Considerava sua derrota à presidência da República para a candidatura militarista de Hermes da Fonseca em 1917 a grande decepção política de sua vida, juntamente com a renúncia de Jânio Quadros em 1964. Na Faculdade de Direito criou uma revista, A Época, em 1910, com o poeta Ronald de Carvalho. Mas ouviu decepção da boca de Afonso Arinos que seus contos não tinham qualidade literária. Antes de formar-se já estava trabalhando no escritório de advocacia de Souza Bandeira, tio do poeta Manuel Bandeira. Em 1917 entrou para o Itamarati, experiência que durou apenas um ano, antes de ser empossado como diretor da fábrica de tecidos de seu pai, cargo que ocupou até 1937.

Em outra viagem a Paris, em 1913, ouviu de Graça Aranha a sugestão de fazer um

**Professor, ensaísta e pensador católico, Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde, morreu às 18 horas de ontem, em Petrópolis, Rio, aos 90 anos. Tristão de Athayde deverá ser sepultado hoje pela manhã. Os médicos deram como causa da morte insuficiência cardíaca e arteriosclerose.**



Amoroso Lima, também acadêmico.

movimento literário de renovação no Brasil, uma idéia adiada pela I Guerra. Mas em 1915, voltaria a encontrar Graça Aranha em Petrópolis e, com Ronald de Carvalho, retomou a idéia. Em 1918, dois momentos importantes: a fundação da revista A Árvore e o casamento com Maria Teresa Faria, irmã do escritor Otávio de Faria. Permaneceram juntos por quase 65 anos, até 1981. Tiveram sete filhos, quatro homens e três mulheres, uma das quais a Irmã Maria Tereza, atual superiora do Convento das Beneditinas em São Paulo, a quem Alceu enviava longas cartas diárias desde 1951.

Tristão de Athayde, seu alter-ego literário, nasceria a 17 de junho de 1919 no O Jornal. O nome, ele só descobriria mais tarde, pertencera a um célebre pirata do século XVI, que operava nos mares da Índia. Manteve a coluna em O Jornal durante 25 anos, tendo sido, inclusive, um dos raros defensores da revolução modernista trazida pela Semana de 22. Para o ensaísta João Camilo de Oliveira Torres, "em termos de cultura podemos dividir nossa história em duas épocas: antes de Tristão de Athayde e depois de Tristão de Athayde. Outrora as idéias entravam no Brasil 20 anos após terem deixado Paris; hoje discutimos os assuntos do momento. Tristão de Athayde nos ensinou a estar em dia com as coisas". Seu primeiro livro foi publicado em 1922, "Afonso Arinos" — sobre o intelectual que morrera em 1916 e que não gostara dos seus contos.

Agnóstico, apesar da formação católica, Alceu Amoroso Lima é protagonista de um espetacular processo de conversão ou reconversão ao catolicismo, iniciado em 1923 e terminado em 1928, no dia 15 de agosto, quando fez uma comunhão. Durante esses quase seis anos, o crítico sustentou um febril debate com o espiritualista Jackson de Figueiredo, confirmado na correspondência entre ambos publicada mais tarde, cartas regadas por leituras de Chesterton, Maritain e Fulton Sheen. "Aquele foi o ponto final de um jovem cheio de idéias evolucionistas", o convertido admitiria. Nos anos 30, professaria idéias de direita, escudado na religião — o que lhe valeu críticas acúsações e variadas cobranças até o fim da vida, pois logo depois abraçaria até morrer outras correntes da Igreja. Isto, entre outros desafetos, lhe valeu uma interminável polémica com o também pensador católico e conservador Gustavo Corção. Terminada em 1967, quando Amoroso Lima, rezando numa igreja pelo improvável salvamento de um filho acidentado, pensou em oferecer o maior sacrifício que pudesse imaginar. O sacrifício seria procurar Corção, mas não conseguiu fazer isto no momento. Três meses depois o filho recuperou-se misteriosamente. Amoroso Lima foi à casa de Corção, "que me olhou como se eu tivesse chegado para lhe dar um tiro" e contou sua história ao inimigo. Este, em prantos, ajoelhou-se e pôs-se a beijar suas mãos, segundo relato do escritor.

Amante de Beethoven e Bach, escrevendo sempre a lápis, usando quase sempre gravata preta, torcedor do Fluminense, do qual foi um dos primeiros sócios, Amoroso Lima não perdeu até o fim da vida o contato com as mudanças e transformações do mundo e da sociedade brasileira, tendo emprestado seu nome e seu prestígio à campanhas pela anistia e pela redemocratização do País. Numa de suas últimas declarações, fazendo uma espécie de balanço de sua vida, escreveu num depoimento à revista *Manchete*: "Sinto que minha geração deve mostrar ao século XX a revelação da precariedade da onipotência do dinheiro, do poder, da razão, da lógica, das próprias instituições políticas, através da necessidade de uma reforma moral para que o homem retome o poder de si mesmo. Resolver os problemas do mundo sem recorrer à sabedoria acima da ciência é perda de tempo. O terrorismo no fim deste século é o desapontamento com os progressos materiais que minha geração pensou serem definitivos. A própria revolução freudiana mostrou que o homem não é onipotente porque é dominado pelas forças misteriosas. Se não entendermos que este século nos revelou os males da existência de uma civilização sem Deus, fatalmente e desgraçadamente não teremos como fugir de uma terceira guerra mundial. O que será o holocausto coletivo do mundo".



## jornal da tarde

O ESTADO DE S. PAULO

Segunda-feira, 15 de agosto de 1983. Número 5.429. Ano 18



## Morre em Petrópolis o pensador católico Alceu de Amoroso Lima

Faleceu ontem, em Petrópolis, o escritor Alceu Amoroso Lima, que se notabilizou sob o pseudônimo de "Tristão de Athayde". O corpo do escritor foi levado ainda, ontem, para o Rio, onde ocorrerá o sepultamento hoje, no Cemitério de São João Batista, após ser velado no mosteiro de São Bento.

Alceu Amoroso Lima, nasceu no Rio de Janeiro a 11 de dezembro de 1893, filho de Manoel José Amoroso Lima e de dona Camília da Silva Amoroso Lima. Fez os seus primeiros estudos no Ginásio Nacional, matriculando-se em seguida na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, onde se formou em 1913.

Desde muito cedo viajou pela Europa, fixando-se durante anos em Paris, onde teve ocasião de fazer cursos de literatura e filosofia com renomados mestres.

Alceu Amoroso Lima já ocupou situações as mais diversas: católico fervoroso; ex-membro da Ação Integralista Brasileiro (nela foi companheiro, entre outros, do filósofo Plínio Salgado, escritor Gustavo Barroso e do jurista Miguel

(Real); ex-presidente da Coligação Católica Brasileira; e membro do Conselho Nacional de Educação.

Na carreira literária, teve oportunidade de revelar suas qualidades, tendo sido inclusive um dos estelos de Graça Aranha, na sua campanha pela renovação do espírito brasileiro e contra o atraso mental existente na Academia Brasileira de Letras. Posteriormente, ainda como escritor, tornou-se acadêmico, eleito para a vaga de Miguel Couto (cadeira n.º 40 da Academia), que fora criada por Eduardo Prado, tendo como patrono o Visconde do Rio Branco. Nela sentara-se Afonso Arinos. Alceu de Amoroso Lima, ou Tristão de Athayde, foi um dos mais autorizados representantes da corrente que obedece ao pensamento do filósofo católico Jacques Maritain.

A causa-morte apontada pelos médicos da Casa de Saúde Santa Teresa foi uma combinação de parada cardíaca, arteriosclerose, insuficiência respiratória e problemas renais.